

E COMO OS HOMENS, OS POVOS...

Cel. RENATO BATISTA NUNES

I

E' de tal maneira intenso e continuado o labor intelectual dos que aqui se aplicam ao aperfeiçoamento e à ampliação de conhecimentos profissionais, que não se chega a ter percepção nítida do tempo que passou. Parecem ressoar ainda neste recinto os écos da última cerimonia de encerramento dos cursos realizados, há justamente, um ano.

A impressão de uma vida não vivida hora a hora, dia a dia, é tanto mais sentida quando se percorre já o ramo descendente da existência. O tempo, parece então, escoar-se com velocidade acelerada, como se obedecesse à lei da gravidade. Os que avançam pelo ramo ascendente, fazem menos conta do tempo e esperam ainda libertar-se das preocupações que abreviam a vida. Esta ilusão aumenta-lhes o alento necessário para prosseguirem na árdua escalada.

Se para o filósofo e para os que crêem na eternidade, abstrair-se do tempo e do espaço é realizar um estado de felicidade superior, nem sempre o será para o comum dos homens que amam a vida pela vida e não pelo que a faz esquecer. Mas, se é a dedicação ao cumprimento dos deveres que absorve os espíritos, podem existir compensações na satisfação da própria consciência. E tal satisfação é mais confortadora ainda quando se sente o reconhecimento do sacrificio consumado.

Assim atúa a presença, já habitual, de V. Excia. Senhor Presidente, a esta cerimonia; e vale por uma recompensa

Discurso pronunciado na Escola de Estado Maior pelo Senhor Coronel Comandante, por ocasião da entrega dos diplomas aos oficiais que concluíram o curso em 1941.

para os que atingem a méta de seu labor escolar, e por um incentivo para os que ainda vêm a meio da jornada. Exprime o interesse vigilante do Chefe que deve exaltar e impulsionar as energias, e assim o compreendemos. Pode V. Excia. ficar certo de que, a essa honrosa assistência, responderão todos com um redobramento de ânimo, porque a cooperação, o trabalho profícuo e honesto é a maneira mais digna de corresponder a confiança do Chefe.

Uma rápida prestação de contas vem confirmar esse propósito: — no ano didático que findou, realizaram-se nos dois cursos desta Escola, 340 sessões de tática na carta; — 71 trabalhos escritos solucionados pelos oficiais alunos, em sala, com tempo limitado; — 9 viagens de tática, perfazendo 86 jornadas de exercícios no campo; — 3 exercícios de funcionamento de estados-maiores de Corpo de Ex. e de Divisão. Para isso, os oficiais instrutores elaboraram 155 temas táticos e corrigiram meticulosamente 5.768 trabalhos escritos dos oficiais alunos. Um índice da atividade desenvolvida na viagem de tática e estado-maior executada nos Estados de Pernambuco e Alagoas: a quilometragem registrada pelos automóveis que percorreram aquela região somou 45.600 quilômetros, isto é, mais do que a volta do mundo pelo equador. Um pormenor expressivo: o encerramento desse exercício verificou-se no campo dos Guararapes. Após algumas palavras que rememoravam uma das mais belas páginas de nossa história, escrita com o sangue dos bravos que alí se bateram, os oficiais, reunidos, fizeram ecoar por aquelas plagas a música e as estrofes brilhantes do hino nacional brasileiro.

Assim se aplicam os oficiais instrutores e alunos à tarefa de aperfeiçoar sua preparação intelectual para a guerra, finalidade desta Escola. A preparação profissional, propriamente dita, depende do aparelhamento material do Exército e da execução de um programa de instrução realista. Só assim se podem exercitar Comandos e tropas na aplicação dos meios de ação às realidades do terreno, às situações táticas sempre variadas, e firmar princípios doutrinários sobre bases concretas.

A preparação intelectual persiste, entretanto, como elemento essencial da ação militar eficiente, e apraz-me dizer, nesse momento, que a operosidade e a dedicação, sem desfalecimentos, dos oficiais instrutores e alunos, concorreram para a obtenção de resultados compensadores, e os tornaram merecedores dos francos louvores que daqui lhes dirijo. Ser-me-ia quasi impossivel destacar nomes, mas devo mencionar particularmente meu auxiliar diréto, o Coronel HENRIQUE BAPTISTA DUFFLES TEIXEIRA LOTT, Sub-Diretor do Ensino. Oficial de escól, suas aptidões foram constantemente postas à prova, na coordenação dos trabalhos dos instrutores, na assistencia às aulas e na direção de viagens de tática, resultando sempre proficuas, como seria de esperar de um profissional que honra sua classe.

Graças à manutenção desse cunho de severidade nos trabalhos e ao cumprimento integral de seus programas de ensino, adquiriu esta Escola um prestígio que constitue verdadeiro patrimônio moral. Ela não atua apenas como órgão de aperfeiçoamento teórico-profissional, mas também como um cadinho em que se retemperam caracteres. Dois fatos apoiam essa asserção: — em 1930, os cursos foram interrompidos pelo surto da revolução nacional; reaberta a Escola meses depois, alvitrou-se uma medida de emergência, — as aprovações por decreto. A solução não conquistou adeptos na direção do ensino nem entre os oficiais alunos, e os interessados conseguiram a continuação dos estudos e a realização dos exames finais. Mas tarde, em 1934 efetuavam-se os exames de fim de ano; no decurso das provas, o Congresso instituiu a lei de aprovação por médias. Os exames continuaram sem um protesto, até à última prova. Entretanto, por deliberação superior, ao consultá-los sobre qual dos resultados deveriam ser registrados, se os dos exames, se os das médias, por serem estes superiores àqueles, todos com exceção de um, responderam: — “quando me submeti aos exames foi para aceitar essa medida do que assimilei”. Não conheço manifestações similares noutras escolas do Brasil.

II

Meus Camaradas:

Vivemos uma breve hora de prazenteiras expansões, de júbilo bem merecido por quantos completaram dois longos anos de porfiado labor intelectual.

Poderia limitar-me, talvez, a aconselhar-vos que procedesdes, nesta altura, à contemplação mental e retrospectiva da senda percorrida, para que cada qual pudesse distinguir com clareza os conhecimentos adquiridos integralmente daqueles que apenas chegaram a aflorar, sentindo-lhes os contornos, sem penetrar-lhes a profundidade, ou por excederem o campo restrito de nossas investigações ou por exigirem meditação e tempo, que só a preparação profissional sempre continuada e jamais inteiramente acabada, poderá proporcionar.

Este curso é um **meio** e não uma **finalidade**. E' um guia seguro que vos abre largos horizontes e profunda visão sobre os domínios da difficil, complexa e ingrata arte da guerra. Nesse intrincado labirinto, podeis já entrever, definir e localizar os multiformes problemas suscitados pela guerra moderna. E porque eles se apresentam cada vez mais vastos e complexos, à medida que se ascende na hierarquia dos comandos e das responsabilidades, torna-se indispensavel ao seu encontro com o espírito já orientado e esclarecido desde os primeiros postos, para ser capaz de resolvê-los progressivamente sem correr o risco de ser por eles submergido mais tarde.

Se esta é uma hora de agradáveis expansões, por que toldar-lhe a amenidade, lembrando o que vos resta fazer nessa infindavel tarefa da preparação profissional para a guerra?

Essa palavra sôa, nesse momento, como a voz soturna daquele frade, ao qual já me referí de uma feita, cuja missão o obrigava a quebrar o silêncio e a quietude do claustro, ao

bater periodicamente à porta das celas para advertir: "irmão, lembra-te de que tens de morrer" . . .

E' que existe uma identidade de predestinações: se o cristão deve estar sempre pronto a morrer bem, para salvação da alma, o soldado precisa estar sempre preparado para morrer, proficuamente, pela salvação da pátria. Demais, a guerra é tão inevitavel na vida dos povos, como a morte na vida dos homens. Seu embrião gerou-se no dia em que a diversidade das línguas e as peculiaridades mesológicas isolaram os núcleos humanos e imprimiram à sua vida características específicas. De então para cá, tornou-se uma fatalidade.

A ambição do homem: ambição de riquezas, ambição de mando, está na origem de todas as guerras.

A inteligência posta ao serviço das artes, das ciências e das indústrias contribuiu para desenvolver, progressivamente, o conforto e o bem estar do homem, criou paralelamente novas necessidades, que muitas vezes serviram de pretexto para a guerra.

As conquistas do espírito no campo da moral seguiram, sem dúvida, a marcha ascendente do progresso material, mas sempre foram inoperantes para evitar a guerra e até mesmo para humanizá-la. Esta, uma vez deflagrada, torna-se questão de vida ou de morte e, então, a força bruta supera o direito, e o instinto de conservação fala mais alto do que séculos de civilização. O homem sempre criou inventos ou desencadeou forças, cujos efeitos ou aplicações muitas vezes, foi incapaz de dominar ou dirigir.

Embora repugne ao próprio sentimento de dignidade humana, não é bastante exercer a guerra para evitá-la porque ela pode ser imposta, e cumpre às coletividades o dever de auto-defesa.

Constituir sistemas de alianças capazes de neutralizar ou superar o poderio ameaçador de possíveis adversários; — conseguir pelo consenso geral a paridade de armamentos ou o desarmamento total; — criar sanções para os agressores; — constituir-se um potencial de guerra tão poderoso que

tire ao adversário o ânimo de atacar, pela incerteza de êxito; — tornar a guerra tão espantosamente destruidora que todos a evitem; — ou elevar aquele potencial a um maximum que permita obter resultados decisivos, numa “guerra de curta duração”, sem deixar tempo ao adversário para mobilizar integralmente seus meios de ação, — **foram tentativas malogradas para evitar a guerra, e até mesmo para diminuir-lhe a frequência.**

Entretanto, se não se pode eliminar a guerra, não seria impossível restringir suas causas determinantes.

E' bem certo, todavia, que só o perigo comum é capaz de unir os homens de todos os credos e de todas as tendências, porque o liame moral que os aproxima é, então, o instinto de conservação, superlativo do egoísmo humano. Passada a crise, porém os homens continuam irremediavelmente divididos.
E como os homens, os povos...

Deve-se, entretanto, aproveitar esse estado psicológico de receptividade para lançar a semente dos ideais superiores, porque dos movimentos generosos e sinceros sempre resta alguma cousa de indestrutível.

Entre nações jovens que não quizerem herdar nem alimentar ódios ou dissensões já inexistentes entre as primitivas metrópoles — que não se comprimem geográfica, política nem economicamente, porque dispõem de imensas reservas de espaço, — sem pretensões de hegemonias irritantes — que não se asfixiam pela superprodução sem mercados, pois ao contrário disso podem encontrar compensações mútuas de excessos e necessidades, não parece utópico eliminar desentendimentos e incompreensões para trilhar a estrada larga e franca da cooperação.

Para realizar esse ideal, não bastam os esforços, mesmo sinceros, dos homens de governo, porque passam e a vida evolúe sempre.

Os tratados, as convenções, as manifestações de cordialidade não têm força vital própria que os mantenha através dos tempos; — ao contrário, sua vida às vezes é limitada pelos interesses dos mais poderosos do momento. O advento

dessa nova era ultrapassará, por certo, as possibilidades da geração atual, e a continuidade do esforço só será garantida, se as novas gerações forem educadas e orientadas nesse sentido. Essa será a obra dos governos, dos educadores e das elites intelectuais. Cabe essencialmente a estes últimos mostrar aos espíritos em formação o mundo com suas tristes realidades, e inculcar-lhes, não a noção individualista da preparação da "luta pela vida", e sim a da "cooperação pela vida", assentada nos sãos princípios da moral privada e social, e capaz de formar a "alma coletiva" de cada nacionalidade.

Restringindo-nos aos interesses do Brasil, hoje, mais do que nunca, incumbe aos educadores e aos intelectuais, ocupar a vanguarda nas lutas do espírito contra a obra insidiosa e dissolvente de minorias ousadas e inteligentes que por todos os meios, até em obras de pura ficção, procuram solapar os fundamentos da civilização cristã. Que se firme e desenvolva, em todas as ocasiões, o sentimento da consciência nacional, como emanção do elevado conceito de "pátria una no tempo e no espaço", que consubstancia a palavra de ordem do Chefe do Governo.

Coêsas espiritualmente dentro da unidade política e geográfica, coerentes com o passado e com as tendências históricas, serão as gerações de amanhã capazes de conduzir o Brasil aos seus verdadeiros destinos.

Seguindo os imperativos de sua consciência nacional; — irmanados pelos mesmos ideais de independência política, que exclue a imitação servil de ideologias exóticas, ou as "padronizações" insinuadas; — observando a igualdade de deveres e de direito ao respeito mútuo, base da confiança; — praticando, enfim o verdadeiro conceito do pan-americanismo, cuja essência é a cooperação, — poderão as nações do continente constituir indestrutivelmente sobre bases econômicas, políticas, e sociais a "Sociedade Americana", unida e concordante, sem sacrifício das características nacionais de cada uma.

A segurança continental decorrerá, então, como simples corolário, da integração dos "potenciais de guerra da economia nacional" de cada dos componentes dessa sociedade.

Enquanto esse ideal não se corporificar pela sinceridade na prática das ações; enquanto a guerra perdurar como um mal inevitável, e o entrelaçamento de interesses políticos e econômicos, livremente consentidos ou não, privar os neutros de um lugar no mundo, só restará aos povos insubmissos à escravidão um único recurso de defesa — **manter-se moral e materialmente preparados para a guerra**. Enunciado simplista de um problema que hoje parece exceder às próprias possibilidades humanas...

Se outróra as forças armadas, forças mercenárias ou exércitos nacionais em guerra, constituíam uma espécie de muralha ao abrigo da qual a vida conservava seu ritmo normal, hoje, não são mais os exércitos, mas os povos, que se batem.

Embora os exércitos continuem a ser o principal instrumento de guerra, porque nenhuma vitória definitiva se conquista no mar ou no ar, sua destruição exige o aniquilamento prévio ou simultâneo das forças vivas da nação, que o alimentam e impulsionam. Essas forças vivas são **as forças morais**: a energia e tenacidade dos governantes, e a capacidade de resistência moral das populações; — **as forças intelectuais**: — as criações dos cientistas e dos técnicos de todos os ramos das atividades humanas; **as forças materiais**: a pujança das indústrias, incluídas a agricultura e os transportes, e a solidez de estrutura econômica da nação. Todo o indivíduo, sem distinção de classe, idade ou sexo, deve cooperar na destruição do inimigo submetendo-se aos mesmos riscos e sofrimentos, porque os meios de ação utilizados são terrestres, marítimos, aéreos, políticos, diplomáticos, financeiros, e, essencialmente, morais, psicológicos e econômicos.

Preparar a nação para a guerra significa, portanto, constituir a totalidade dessas forças num "sistema" capaz de funcionar harmonicamente, sob a impulsão de uma direção única, para um fim determinado.

Esse objetivo será atingido quando o sistema econômico do tempo de paz puder satisfazer, também, as necessidades do tempo de guerra, sem perturbações profundas de sua estrutura e sem delongas.

Ou, em outras palavras, quando a economia de paz pode transformar-se, sem perda de tempo, em **economia de guerra**.

Tal e tão íntima é a interdependência do potencial militar e do potencial econômico, que um não pode subsistir sem o outro e a soma de ambos representa o grau de "potencial de guerra da economia nacional".

Por isso, no dizer de um economista, "toda a direção militar, hoje, deve considerar a economia parte integrante do potencial de guerra total do país. A economia, acrescenta, tem em tempo de guerra a mesma importância que o próprio exército". E outro afirma: "a arte militar não pode mais ignorar a ciência econômica; o soldado fez-se engenheiro, médico, químico, mecânico, etc; hoje, deve tornar-se economista".

Se a economia de guerra traça as regras da utilização sistematizada das forças vivas da nação, e aparece como uma entidade moderna no campo da economia, a "guerra econômica", ao contrário, é um meio de ação desde muito empregado, quer defensivamente, quando se trata de resguardar os próprios recursos vitais, quer ofensivamente, quando se procura destruir os do adversário, ou conquistar, pela força, utilidades reclamadas pelas necessidades de guerra, onde quer que se encontrem. Ampliado e intensificado seu emprego, a guerra econômica, que antecede ou segue as hostilidades armadas, é hoje elemento preponderante da economia de guerra. Os alimentos de primeira necessidade, as matérias primas, o combustível e o carburante, podem imprimir às guerras modalidades, à primeira vista, inesperadas ou incompreensíveis. O chefe militar deve, portanto, conhecer a tática e a estratégia econômicas. De igual passo, o economista não pode mais ignorar a guerra, no que concerne, pelo menos, ao vulto e à natureza das necessidades por ela criadas e re-

clamadas; menos ainda as perturbações que acarreta à economia do tempo de paz, e que exigem sua transformação na economia de guerra.

Ouso, mesmo, ampliar a idéia, opinando que a economia de guerra não deve ser assunto estranho aos nossos cursos técnicos superiores, notadamente, aos de ciências econômicas e sociais.

Por muito que o o depletem os puros liberais, restringem-se os direitos individuais quando a existência das coletividades está em jogo.

A economia de guerra, diz um publicista, "é um estado mórbido, ainda mal definido; é uma entidade que nada tem de comum com os sistemas econômicos já conhecidos, mas contém todos eles".

Em verdade, ela não só subverte o próprio conceito humano da economia política como suas próprias leis, pois as atividades, nem concorrem para o bem estar dos homens nem se destinam a criar riquezas. E' mais restritiva das liberdades do que a economia dirigida do tempo de paz, porque o Estado não "dirige" as atividades: "comanda-as".

Não é mais o jogo da oferta, da procura e do preço que que orienta a produção. "E' o Estado, principal consumidor, que eleva a produção ao nível das necessidades" — que limita os lucros, — que reparte a mão de obra e distribue a matéria prima, — que regula as importações e as exportações, — que emite e fixa o valor da moeda, — que alimenta a população, provê a saúde pública, etc.

Tal "revolução da técnica e da organização", é evidente, não pode ser improvisada no momento em que a guerra se deflagra; quando a mobilização militar, pura e simples, retirando das usinas e dos campos, braços e meios de transporte, debilita a produção e restringe a distribuição, justamente quando dela se exige o maior rendimento.

A França de 1914, país talvez o mais avançado de seu tempo em matéria de mobilização militar e de utilização dos recursos da nação para a guerra, pois desde muitos anos ensaiava uma solução, apesar do miraculoso esforço de impro-

vização de que seus homens foram capazes, verificu que “tudo quanto faltou no início da guerra, faltou até o fim”.

O ligeiro e incompleto enunciado dos problemas a serem resolvidos num plano de economia de guerra, que se propõe a satisfazer as necessidades de ordem civil e todas as imensas necessidades militares, já vos habilita a avaliar o vulto da obra. Nela terão de colaborar os homens de governo, os técnicos militares e os técnicos de todas as demais especialidades, para que aquele plano se torne um poderoso instrumento de guerra. Nos países suficientemente industrializados, em que a estrutura corporativa facilita a interferência do Estado no controle e na intensificação da produção, — em que a ordem intelectual já se tenha sistematizado dentro do espírito nacionalista, — em que o governo assenta no princípio da autoridade, subordinando interesses e deveres individuais aos da coletividade, — a organização daquele plano é grandemente facilitada.

Dois métodos se apresentam. Excluiremos, de início, o que se funda na concepção de que o próprio desenvolvimento da riqueza econômica cria, automaticamente, o potencial de guerra da economia nacional, porque nunca se conseguirá a autarcia absoluta, nem se poderá estar certo de que um período de paz, suficientemente longo, permita estabelecer o equilíbrio ou paridade entre o potencial econômico próprio e o dos países que possam deflagar a guerra.

O primeiro método a seguir é o da preparação minuciosa e completa da mobilização econômica, durante a paz, e aplicá-la quando sobreviver a guerra; o segundo, consiste em fazer funcionar o organismo econômico dirigido pelo Estado desde o tempo de paz; é a adoção do princípio da “economia de guerra desde o tempo de paz”, solução extrema nos casos de agressão ou de defesa premeditadas. Em qualquer dos casos, como foi dito, trata-se de organizar o conjunto de atividades do país, num “sistema” capaz de funcionar sob a impulsão direta da Estado.

Dentre os conhecimentos que devem integrar a cultura geral do soldado que aspira exercer funções de alta direção

ou nelas colaborar, focalizei este da economia de guerra, por sua relevância e atualidade. E o fiz, obedecendo à norma de que nesta casa, nem uma hora se deve escoar, sem que alguma coisa se faça em pról da instrução. Aconselho-vos portanto, uma incursão pelo assunto e que será bem iniciada com a leitura do notavel livro de André Piatier, "**L'économie de guerre**", sobre o qual foram calcadas algumas das sucintas considerações aquí expendidas.

E meditai no caso brasileiro.

Camaradas: ides continuar vossa formação profissional nos estados-maiores das grandes unidades, e, depois, no comando de tropa. Onde quer que exerciteis vossas atividades, haveis de encontrar sempre oportunidade para completar vossa preparação e para adaptar os conhecimentos doutrinários assimilados, às realidades de nosso meio e às possibilidades de nossos recursos.

Sois hoje auxiliares dos chefes; sereis os chefes no futuro. Lembrai-vos sempre de que o amor à verdade e à sinceridade, devem estar na base de toda a ação, mórmente daqueles que, na paz, são coresponsáveis pela organização da segurança nacional e na guerra pela vida do soldado, às vezes, pelos destinos da Pátria.

Para que o chefe possa ter plena consciência de suas decisões e plena responsabilidade de suas consequências, é-lhe indispensavel conhecer, em todas as circunstâncias aquilo a que se pode chamar "a verdade atual das cousas". E isto se obtém mediante justa apreciação dos fatos e das cousas". E isto se obtém mediante a justa apreciação dos fatos e das informações colhidas pessoalmente a justa, ou por intermédio de auxiliares inteligentes e sinceros.

Sêde, então, sempre sinceros e verdadeiros. Combatei intransigentemente, se ela se apresentar, essa forma de deslealdade que consistee em criar em torno do chefe uma série de "filtros concêntricos", tanto mais numerosos quanto mais alta é sua categoria, e através dos quais só costuma passar aquilo que lhe pode agradar, ou dar-lhe boas impressões do detentor de cada filtro.

São as falhas, as insuficiências, as necessidades, o que mais interessa ao chefe conhecer, para não ser surpreendido por elas justamente no momento crítico em que sua responsabilidade e a segurança de todos se acham em jogo. Não trepideis em confessar-lhe o fracasso de vossas próprias missões, apontando-lhe as causas determinantes, certos de que não haverá Chefe digno desse nome que não exalte tal maneira de proceder.

Sinceridade na cooperação, sinceridade e firmeza na execução, obediência ao dever levada até ao sacrifício, — eis o lêma. A desgraça só é uma fatalidade, quando todos souberem cumprir integralmente o seu dever.

Pensai sempre no Brasil!



Instrução da Observação nos Córpos de Tropa

do Major BATISTA GONÇALVES

Livro indispensável na bibliotéca
DE QUALQUER MILITAR

PREÇO 8\$000 - PELO CORREIO 9\$000

À venda na A DEFESA NACIONAL





GENERAL MAC ARTHUR, o grande herói das Filipinas e atual defensor do continente australiano. Nele estão concentradas todas as esperanças dos que lutam contra a ação expansionista dos países do eixo.